

Autora: Beatriz Moreira de Azevedo Porto Gonçalves  
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio.

## SONHADORES – RELAÇÕES ENTRE CINECLUBISMO E JUVENTUDE

Este trabalho insere-se no contexto de uma pesquisa intitulada **Cinema, Educação e o Cineclube nas Escolas: a experiência na Rede Municipal do Rio de Janeiro**, que acompanha atividades de uma instituição pública de ensino fundamental, participante do projeto Cineclube nas Escolas, da Secretaria Municipal de Educação. Pretende-se apresentar uma revisão de literatura sobre a história do cineclubismo, relacionando as várias dimensões da prática cineclubista à ideia de “experiências instituintes”, como operada por Rose Clair Matela em *Cineclubismo: Memórias dos anos de chumbo*, considerando a importância de tais vivências para um público majoritariamente jovem.

Como proposta de ação coletiva, democrática, de consumo e produção de significados, o cineclube poderia caracterizar-se como espaço privilegiado para o surgimento de movimentos protagonizados por sujeitos históricos, capazes de, a partir de “sementes preservadas historicamente”, inspirar transformações no sentido de formar indivíduos/coletivos conscientes e ativos nos processos políticos, sociais e culturais que vivem, um lugar gerador de “experiências instituintes”.

Os primeiros cineclubistas nos anos de 1920, uma pequena elite intelectual, buscavam consumir um cinema inovador e esteticamente criativo. A popularização das sessões sistemáticas, com discussão sobre filmes, pelo mundo ocorreu no fim da 2ª Guerra, propagando mensagens civilizatórias e humanistas. Expansão na qual a Igreja teve forte participação. Nos anos de 1940/50, os cineclubes formaram os principais cineastas da década de 60. Na pesquisa de Matela, o cineclubismo revela-se mobilizador de uma juventude engajada na construção de uma sociedade democrática, identificada com as utopias dos sonhadores do filme de Bertolucci (2003), os jovens cinéfilos de 1968 na França.

O cineclubista do início do século XXI, no Brasil, cria um ambiente de encontro festivo com o cinema, aliando-o a outras linguagens artísticas; apropria-se das novas

tecnologias de exibição e captura de imagem e som para construir e expressar sua identidade, usando as mídias digitais para se articular politicamente, ou apenas para manifestar seu amor ao cinema. Criação, consumo, formação, participação política, construção de identidades, expressão, sociabilidade; as dimensões, que caracterizam as práticas cineclubistas em suas diferentes épocas, afetam os jovens de modo particular.

Enquanto grupos reunidos em torno de atividades culturais são importantes lugares para a sociabilidade de adolescentes na contemporaneidade, o projeto da SME constitui uma política que introduz dinâmicas próprias de um espaço de educação não formal na cultura de escolas públicas, caracterizada de modo geral pelas pesquisas (Carrano; Dayrell etc.) como distante das culturas juvenis. A bibliografia utilizada, assim, ajuda a análise do papel do cineclube na formação e conformação das relações entre os alunos da escola pesquisada, apreendido através de observação participante e entrevistas.

**PALAVRAS-CHAVE:** cineclubismo; juventude; educação